

cepis

RO DE EDUCAÇÃO POPULAR DO INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE

Concepção
Dialética
da
Educação
Popular

OSCAR JARA



CEPIS

Rua Ministro Godoi, 1484

05015 - São Paulo - SP

Fone: (011) 864-6162

BRASIL

APRESENTAÇÃO

O CEPIS - Centro de Educação Popular do Instituto Sedes Sapientiae publica o Texto " CONCEPÇÃO DIALETICA DA EDUCAÇÃO POPULAR" de autoria do companheiro Oscar Jara, e distribuído aos participantes do Seminário Latinoamericano de Pesquisa Participante, realizado em julho de 1984, em Piracicaba - São Paulo.

Oscar Jara é peruano, vive e trabalha na Costa Rica. Pretende com este documento, a partir da experiência que ele próprio e o pessoal da equipe ALFORJA viveram na Nicarágua, sistematizar os fundamentos da Metodologia da Educação Popular a partir de um enfoque dialético.

Em outro trabalho com o título "A Educação na América Latina: O Desafio de Teorizar sobre a Prática para Transformar", publicado no livro "Lições da Nicarágua - A Experiência da Esperança" (Editora Papirus - 1984), afirma Oscar Jara. " O problema metodológico refere-se ao processo de conhecimento que deve ser realizado para se apropriar criticamente da realidade e transformá-la. Realizar um trabalho educativo significa pôr em prática uma determinada teoria do conhecimento, dado que a ação pedagógica em si mesma é um processo de criação do conhecimento. Nossa concepção metodológica, isto é, nossa concepção sobre a lógica interna do processo de Educação Popular, nós a baseamos na Teoria Dialética do conhecimento: partir da prática, teorizar sobre a mesma e voltar a prática."

Esta concepção metodológica se liga a uma compreensão de que o objetivo principal da Educação Popular na América La-

.2
tina é o fortalecimento das organizações populares, nas suas lutas em direção da construção do SOCIALISMO.

Acreditamos que este texto é uma valiosa contribuição a todos aqueles que se dedicam à prática da Educação Popular hoje no Brasil, para que avancemos cada vez mais na sistematização de nossas experiências e com isso possamos contribuir de forma cada vez mais efetiva com a luta de libertação das classes populares em nosso País.

São Paulo - Maio de 1985

CEPIS

.3
CONCEPÇÃO DIALÉTICA DA EDUCAÇÃO
POPULAR

Oscar Jara - Grupo ALFORJA

Nosso objetivo neste documento é apresentar algumas propostas práticas e teóricas a respeito da aplicação do método dialético nos processos de pesquisa participante e educação popular.

Estas propostas para a reflexão e debate são extraídas da experiência realizada em conjunto, através do "Programa Coordenado de Educação Popular ALFORJA, na América Central e México (1), nos últimos anos.

Mais do que formulações acabadas, são pontos para motivar uma discussão em que - através da troca e sistematização de experiências concretas - podemos avançar na melhoria de nossas práticas de trabalho com as classes populares.

1. PESQUISA PARTICIPANTE E EDUCAÇÃO POPULAR: DUAS CORRENTES COM O MESMO OBJETIVO.

Nos últimos anos, a dinâmica dos movimentos populares tem exigido que precisemos melhor, tanto nossas concepções como as formas de incrementar o trabalho de pesquisa, educação e promoção popular. Esta exigência tem sido sentida por diferentes experiências, localizadas em contextos diferentes e que correspondem a diferentes níveis de desenvolvimento do movimento popular, praticamente em toda a América Latina.

O desafio foi aceito, por um lado, por um conjunto

de pesquisadores e cientistas sociais comprometidos com o povo, e, por outro, por diversas instâncias de educação popular que promovem programas de formação e organização.

Assim, surgiram duas correntes inovadoras, que a cada dia possuem maior presença e influência no nosso continente: A Pesquisa Participante e a Educação Popular. Ambas, apesar de origens diferentes, têm se encontrado cada vez mais, na medida em que avançaram no detalhamento de seus objetivos, metas formulações e linhas de atuação.

A) A Pesquisa Participante.

A crítica ao positivismo e funcionalismo característicos da pesquisa clássica, vem se transformando numa busca de novos enfoques que permitam converter a pesquisa numa arma para a ação social e a transformação da realidade.

De uma preocupação inicial com os métodos e técnicas participantes, foi-se passando a uma concepção da pesquisa participante como opção metodológica e ideológica, que sirva como enfoque estratégico para a ação popular.

Estabeleceu-se, além disso, que a pesquisa participante deve ser um trabalho autenticamente educativo, inserido numa práxis social e que contribua para que o povo se veja como sujeito capaz de enfrentar organizada e coletivamente seus problemas.

B) A Educação Popular.

A crítica ao sistema de educação tradicional e às concepções desenvolvimentistas da educação de adultos, foi abrindo caminho a uma concepção educativa crítica e libertadora,

como uma arma, nas mãos das classes populares, orientada para a transformação da realidade.

De uma ênfase posta em programas de alfabetização de base e na implementação de métodos e técnicas ativas e dialógicas, com o objetivo de problematizar as situações de opressão, foi passando a uma concepção diretamente política da tarefa educativa, colocando-a em função dos processos de mobilização e organização das classes populares.

Deixou-se de ver o processo de tomada de consciência como um processo prévio ao desenvolvimento de ações conscientes e organizadas. Passa-se a colocar o processo educativo como uma dimensão necessária da atividade organizativa das classes populares que lhes permita a participação consciente como sujeito na construção da história.

C) Convergência entre pesquisa participante e educação popular.

Podemos constatar que, tanto nas práticas de pesquisa participante e educação popular, como nos avanços teóricos realizados em relação a elas, existe cada vez mais uma clara convergência de propósito entre ambas correntes.

Esta convergência se faz maior na medida em que vemos tais correntes como processos teóricos - práticos que unem, permanentemente, o conhecimento e a ação; e não como "momentos" isolados (o momento da pesquisa do tema ou o momento de educação sobre um tema).

A convergência é ainda maior quando são concebidas como uma opção de trabalho popular, e não como um conjunto de métodos, técnicas ou procedimentos investigadores ou pedagógicos.

Quando se coloca a pesquisa participante como uma op-

ção de trabalho, parece-nos que estamos fazendo na verdade, a educação popular, sō que de um ângulo particular. É como se educadores e pesquisadores estivéssemos falando de um mesmo processo, mas com ênfases diferentes, produto de nossas experiências diversas.

Se fizermos uma revisão no panorama das formulações mais avançadas sobre, pesquisa participante e educação popular, nos últimos anos, encontrar-nos-emos com estas significativas coincidências:

- 1 - Ambas são concebidas como processos de descobrimento, criação e recriação de conhecimentos;
- 2 - ambas assumem como fundamental o conhecimento que os participantes tenham adquirido pela sua experiência, assim como os valores e riqueza de expressões culturais próprias das classes populares;
- 3 - Ambas são concebidas como processos que devem responder às necessidades concretas de um grupo, segmento social ou comunidade;
- 4 - Ambas procuram realizar uma estreita articulação entre a teoria e a prática;
- 5 - Ambas procuram fortalecer a organização popular e são concebidas como processos orientados a uma ação transformadora;
- 6 - Ambas pretendem impulsionar ao máximo a participação da base (eliminando a distância entre sujeito pesquisador e objeto de pesquisa em um caso, e a distância entre sujeito educador e objeto da educação em outro);
- 7 - Ambas são concebidas como processos permanentes e não desligados da vida prática cotidiana das classes populares;
- 8 - Ambas visam a ser processos sistemáticos, que devem ser levados a cabo com uma ordenação lógica e um rigor científico

que as faça eficazes;

- 9 - Ambas pretendem ser processos que, em mãos dos setores populares, lhes permitam ser sujeitos históricos.

Concluindo, acreditamos que ocorreu uma aproximação entre pesquisadores sociais e educadores populares, produto da dinâmica de nossas próprias práticas. Pois não é possível conceber um processo de pesquisa participante que não tenha uma dimensão educativa correspondente. Da mesma maneira não concebemos um processo de educação popular, que não tenha uma dimensão de pesquisa, coerente com ele.

Para nós, educadores populares, a pesquisa participante (sua concepção, seus métodos, suas técnicas e procedimentos é a única opção metodológica possível para implementar uma dinâmica de pesquisa coerente com nossos postulados.

A educação popular, para nós, não é um processo que procura conhecer ou contemplar a realidade de fora, mas sim, que pretende decifrar, do interior do movimento histórico, seu sentido. Para isso, é necessário intervir ativa e conscientemente na transformação desse movimento, com o objetivo de fazer, da atividade espontânea das massas, uma atividade consciente, revolucionária, guiada teoricamente por uma perspectiva estratégica.

Por isso é que, para nós, a dimensão de pesquisa e a dimensão pedagógica se dão como parte de um esforço ativo, ordenado e sistemático de análise, estudo e reflexão sobre a prática, que permite fortalecer e desenvolver a consciência de classe das massas populares. Isso significa fortalecer e desenvolver as organizações populares numa perspectiva de classe. A consciência de classe não se manifesta senão como prática organizada, consciente, de classe.

Este processo de conhecimento e transformação da rea

lidade deve ser necessariamente participante, crítico e científico. É por isso que a convergência entre a pesquisa participante e a educação popular encontra seu ponto de articulação na mesma busca, na mesma perspectiva e no mesmo desafio histórico: a hegemonia política, ideológica e cultural da alternativa popular em nosso continente.

Os avanços práticos que realizarmos neste sentido, continuarão nos indicando o caminho para essa procura.

2. A PROCURA METODOLÓGICA.

No processo de busca dos meios para melhorar, nas práticas de trabalho popular, a busca metodológica tem ocupado um papel importante. Muitos grupos, instituições e pessoas dizem ter bem claro o que temos que fazer, mas necessitamos precisar mais o como vamos fazê-lo. Atrás dessa inquietação generalizada, está o desejo de sermos realmente eficazes em nosso trabalho.

A) A procura de novas técnicas.

Um problema muito comum é o de pensar que a questão metodológica refere-se fundamentalmente às técnicas que se utilizam. Por exemplo: no trabalho de base, constata-se a ineficácia do uso de técnicas expositivas ou acadêmicas. Daí nasce toda uma preocupação por encontrar e colocar em prática técnicas novas de comunicação e análise, mais ativas e participativas.

B) A Procura de novos métodos.

Por outro lado costuma-se pensar a questão metodológica como fundamentalmente ligada a métodos de trabalho. Vemos que os planejamentos e tarefas de pesquisa, educação ou avaliação, requerem um conjunto de passos ordenados que devem ser seguidos com certo rigor para que os objetivos sejam alcançados.

Por isso é que surge a inquietação por encontrar definições, experiências sistematizadas e manuais que nos expliquem os passos de uma planificação, os passos para a análise de um tema, os passos da pesquisa, etc. Enfim, circulam em nossos países uma série de métodos de trabalho que se tenta copiar e reproduzir, muitas vezes sem questionamento nem adaptação às condições concretas em que vão ser aplicados.

C) A procura de uma concepção metodológica.

Pensamos que estas inquietações são muito válidas, mas que nesse caminho realmente não está a resposta que queremos encontrar. Acreditamos que a questão metodológica vai além do uso de determinadas técnicas e da aplicação de determinados métodos.

O problema metodológico de fundo, (na pesquisa participante e na educação popular), está em como desenvolver todo um processo de conhecimento que nos permita apropriar-nos, criticamente, da realidade para transformá-la. A resposta metodológica que procuramos não está apenas nos passos que são necessários dar, nem nos meios ou ferramentas que se precisa utilizar, mas na estratégia global que orienta e permeia nosso trabalho, dando-lhe coerência interna, sentido e perspectiva. A questão metodológica principal está em como conseguir uma articulação de conjunto entre os objetivos que nos colocamos e a situação da

qual partimos, num processo, passando pelas diferentes mediações necessárias para implementá-la.

Por esta razão, preferimos não falar de "metodologia", porque é um termo que se utiliza muito ambiguamente, mas sim de uma concepção metodológica, uma concepção global da lógica interna que deve atravessar todo o processo de conhecimento e transformação da realidade.

Esta concepção será, então, a base para a formulação e aplicação de métodos bastante diversificados e técnicas específicas em função das condições concretas com que nos depararmos, utilizando-as sempre criativa e criticamente, nos diferentes aspectos do processo de pesquisa, educação e organização.

D) A concepção metodológica dialética.

Pois bem, empreender um processo educativo, implementando uma concepção metodológica global, significa colocar em prática uma determinada teoria do conhecimento. Toda ação educativa é um processo de descobrimento, criação e recriação de conhecimentos.

Baseamos nossa concepção metodológica na teoria dialética do conhecimento, afirmando que:

- . A prática social é a fonte dos conhecimentos;
- . A teoria está em função do conhecimento científico da prática e serve como guia para a ação transformadora;
- . A prática social é o critério de verdade e o fim último de todo o processo de conhecimento.

Esta concepção metodológica nos coloca os seguintes desafios:

- . Ter a prática social como ponto de partida.

Isto significa que nossos programas de pesquisa e educação devem partir da problemática concreta que um determinado grupo ou setor da sociedade vive, de suas necessidades específicas, do conhecimento que eles já possuem sobre um determinado tema, do nível de consciência particular do grupo, etc.

Partir da prática social, supõe basear-se nos elementos objetivos que surgem na vida cotidiana de um grupo ou segmento da sociedade: os elementos provenientes de sua prática produtiva concreta, de sua prática organizativa, do contexto econômico-social em que se desenvolve sua atividade.

Além disso, supõe partir também dos elementos subjetivos: os conhecimentos e interpretações que este setor social já adquiriu em sua experiência. Isto implica considerar suas formas de expressão, sua linguagem, suas manifestações culturais e artísticas, seus valores.

A prática social de um determinado grupo popular com o qual se trabalha não é, portanto, uma realidade homogênea, nem estática. Está atravessada por contradições objetivas e subjetivas; contradições de classe, mecanismos de exploração e opressão, relações sociais e técnicas de produção; influência ideológica das classes dominantes, conhecimentos empíricos parcelados e não sistematizados, elementos alienantes, produto da dominação cultural, etc.

Partir da prática social de um grupo significa, pois, partir de uma realidade contraditória tanto em termos objetivos como subjetivos, onde se superpõem as ações do presente com as heranças do passado e onde se articula a particularidade de suas condições com a totalidade social da qual faz parte.

Assim, o objeto de nosso conhecimento e, portan

to, nosso objeto de transformação, não será uma "realidade" exterior e independente a nós, mas nossa própria prática - objetiva e subjetiva - localizada no contexto social e histórico concreto em que se desenvolve.

Tendo isto como base, em cada processo particular de pesquisa ou educação, teremos de escolher um ponto de entrada particular, isto é, um aspecto desta prática social, como o núcleo inicial mais adequado para começar a desenvolver um caminho de aprofundamento com esse grupo específico de participantes.

. Realizar um processo de teorização sobre a prática.

Isto significa levar adiante processos ordenados de abstração, que nos permitam analisar as situações concretas de que partimos. Fazer deduções a partir delas, confrontá-las com outras práticas, analisar as causas dos fenômenos, conceituar, emitir opiniões críticas.

A teorização deve nos permitir ir descobrindo as contradições internas da prática social, indo além da aparência dos fatos, até penetrar em seus elementos essenciais, passando do conhecimento empírico a um conhecimento teórico.

A teoria não será, portanto, uma interpretação já dada, que se superpõe como verdade absoluta a nossos conhecimentos empíricos, mas um instrumento para penetrar no conhecimento profundo da realidade.

Um processo ordenado e sistemático de teorização, deverá nos permitir ir-nos introduzindo na estrutura social, nas relações entre as classes sociais, no sentido do movimento histórico.

Assim, poderemos situar as manifestações particulares de nossa vida cotidiana dentro do conjunto da totalidade social, num momento histórico determinado.

Um processo ordenado e sistemático de teorização nos permitirá ir passando, dos conhecimentos e impressões das coisas pelo senso comum, ao descobrimento e elaboração de conceitos que nos permitam a compreensão concreta e viva das leis históricas e sociais.

Não se trata de "entregar" a teoria como um conjunto de categorias que precisam ser aprendidas, mas de gerar um processo ativo e crítico de apropriação dos conceitos. Ao irmos fazendo nossas próprias deduções e generalizações, chegaremos a descobrir os conceitos como categorias vivas de interpretação da realidade e não como frias deduções.

O desafio consiste em conduzir ordenadamente este processo de abstrações sucessivas, no qual cada novo conhecimento estará articulado com o conhecimento já existente e será um aprofundamento deste.

Trata-se, pois, de gerar uma dinâmica de reflexão coletiva, onde os conhecimentos existentes, sejam ativamente reafirmados, aprofundados, modificados ou abandonados de maneira consciente. Numa palavra, apropriados, apossados pelos participantes.

Em nossa experiência, impulsionando este processo, temos nos encontrado com companheiros que fazem observações como estas: "Agora entendo o que significa..."; "Foi como se víssemos nossas idéias desfilando..."; ou : "o mais importante é que fomos nós mesmos que chegamos a essa conclusão". Porque estes novos conhecimentos não foram "transmitidos" por ninguém, mas, sim

descobertos por nós, ao longo de um processo de ensino - aprendizagem coletivo e dinâmico, que nos exigiu um esforço de teorização por vezes, muito grande. Indubitavelmente, isto garante a continuidade da apropriação crítica da realidade, porque junto dos novos conhecimentos, nos apropriamos da capacidade de teorizar.

Realizar um processo ordenado de teorização, nos leva a obter uma atitude permanente de questionamento sobre os fatos, o qual nos leva a aprofundar, ampliar ou atualizar constantemente nossos conhecimentos. Daí nasce a exigência de uma permanente reelaboração dos elementos de interpretação teórica, para adequá-los às novas circunstâncias.

É por isso que, em determinados momentos e níveis de nossa própria teorização, torna-se necessário confrontar nossos conhecimentos com o conhecimento de outras práticas, acumulado sob forma de teoria que as sintetiza e generaliza. Aqui torna-se oportuno e necessário proporcionar elementos adicionais de informação, textos e documentos, cujo debate costuma ser muito rico e profundo porque responde a inquietações teóricas que o próprio grupo já tenha chegado a colocar-se. Estes elementos teóricos não serão assumidos como a resposta final e definitiva que tem que ser memorizada, mas como contribuições para aprofundar na reflexão, e como formulações que deverão ser reinterpretadas à luz de nossa própria prática.

. Fazer da teoria um guia para a ação transformadora.

O descobrimento, elaboração e apropriação de conceitos devem nos permitir fazer análise particulares sobre situações concretas, com o fim de orientarmos para ações práticas.

O conhecimento das leis da história e da sociedade, não o obteremos para formalizá-lo e absolutizá-lo em dogmas universais, mas para fazer mais eficaz e racional nossa ação, organizada sobre essas mesmas leis, impulsionando conscientemente o processo histórico, em função dos interesses das classes populares.

O conhecimento teórico deixará de ser uma mera "compreensão do que acontece", para converter-se num instrumento ativo de crítica das classes populares, em função de dirigir a história "até o que deve acontecer", de acordo com os interesses do povo. Isto quer dizer que todo processo de teorização deve voltar à prática inicial, sobre a superfície dos fatos concretos que nos serviram de ponto de partida, para atuar agora sobre eles com uma visão mais rica e complexa, que nos permita intervir lucidamente em sua transformação. Desta maneira, a teoria não responderá somente às exigências e necessidades colocadas pela prática já existente, mas também à necessidade de formular um projeto alternativo de uma prática ainda inexistente e que precisamos criar.

Esta prática, de retornar-se com os elementos teóricos como guia para a ação, não fecha o círculo da concepção metodológica dialética, mas o abre a um novo aprofundamento. Não se trata, pois, de descobrir ou formular um "modelo" de interpretação da realidade, mas sim ir, permanentemente, encontrando, nas novas práticas, uma fonte inesgotável de conhecimentos teóricos, em função de novas e inéditas condições que iremos criando.

Assim, o conhecimento objetivo será uma criação que se descobre e se conquista de maneira ativa e laboriosa,

numa dinâmica teórico-prática em que cada conclusão conceitual se confirma prática e historicamente para adquirir plena validade teórica. A prática social e histórica será, portanto, a fonte e o critério de uma verdade objetiva onde se unem, dialéticamente, o pensamento ativo com a ação, refletida de maneira permanente, organizada e coletiva. Nesta dinâmica as classes populares vão assumindo seu papel de sujeitos históricos, conscientes dos limites e possibilidades que devem assumir em cada conjuntura.

Concluindo, implementar uma concepção metodológica dialética, tanto na pesquisa participante, como na educação popular deve ter como objetivo a aquisição, por parte de amplos setores das massas populares, da capacidade de pensar e decidir por si mesmos. Assim, assumindo suas próprias convicções, não terão que estar esperando de outros a "correta" interpretação dos acontecimentos, aceitando-a passiva e dogmaticamente.

A aplicação desta concepção, ao fazermos desencadear um processo sistemático, teórico-prático de conhecimento e ação transformadora de situações concretas, nos levará a pensar sempre dialéticamente, e a enfrentar as novas situações que a prática nos exigirá conhecer e transformar.

Por isso, afirmamos que o fortalecimento das organizações populares e o desenvolvimento da consciência de classe, somente serão impulsionados por um processo investigador e formador, na medida em que se realiza uma teorização da prática, sobre a prática, a partir da prática e em função dela.

3. A APLICAÇÃO DA CONCEPÇÃO METODOLÓGICA DIALETICA.

Se a prática social é o ponto de partida e de chegada de um processo de formação, isto significa termos que ligar, indissolivelmente, as atividades de pesquisa e educação, com as atividades de organização das classes populares. Além disso, o processo de educação popular não é senão um aspecto necessário do processo de organização popular, que deve permitir fortalecer, consciente e criticamente, as instâncias de organização das massas. Definitivamente, trata-se de impulsionar uma ação educativa libertadora no interior de uma prática político-organizativa libertadora, na qual o trabalho de massas consolida a participação popular a todos os níveis.

Assinalar que a Prática Social (a vida cotidiana, a prática produtiva, a experiência organizativa) é nosso ponto de partida, significa que vamos nos encontrar com diferentes níveis de consciência e organização nos setores com que trabalhamos (cooperativas, associações de bairros, sindicatos, clubes culturais, comunidades rurais, etc.). A ação investigadora e educativa, deverá inserir-se, então, na dinâmica própria de cada organização, segundo seu caráter específico e seu próprio nível de desenvolvimento e experiência.

Tudo isto implica que as atividades de pesquisa e formação deverão ter sempre uma perspectiva de continuidade no seio das organizações populares. Esta perspectiva permitirá que as classes populares e seus dirigentes cheguem a apropriar-se, não somente dos conteúdos teóricos, mas também dos fundamentos metodológicos, dos instrumentos técnicos e dos procedimentos didáticos. Que este processo de conhecimento sistemá-

tico e científico da realidade para transformá-la, seja cada vez mais uma tarefa nas mãos dos dirigentes populares e não uma propriedade das instituições de apoio, centros de pesquisa ou especialistas. Esta apropriação múltipla é a que garantirá que as organizações populares recriem e dêem nova vida aos processos de formação em seu trabalho cotidiano, tanto em atividades especificamente de pesquisa ou educação, como em suas reuniões e assembleias, em suas tarefas organizativas, de propaganda, de mobilização. Desta maneira, a aplicação de uma concepção metodológica dialética, como um processo de formação, deverá tentar conseguir processos de auto-formação e deverão ser pensados em função do efeito multiplicador que possam ter, a nível de amplos setores de massas.

Por fim, estamos propondo uma concepção metodológica cuja aplicação não se restringe a um evento educativo nem a um processo fechado de pesquisa participante, mas sua aplicação deve abarcar a própria dinâmica da organização.

A concepção metodológica dialética, portanto, é também uma concepção do processo de organização, que possui implicações muito diretas para a relação dirigentes - base. Necessariamente, isso implicará que esta relação seja dinâmica, ativa e crítica, baseada numa participação consciente da base, promovida e conduzida pelos dirigentes. Assim, as orientações da direção não serão simplesmente diretrizes que precisam ser cumpridas, mas linhas que, partindo do nível de consciência da base, permite que todos cheguem a tomar decisões e assumir compromissos coletivamente. Quando uma direção, em lugar de simplesmente comunicar suas decisões a uma assembleia, promove um debate, realiza uma discussão ordenada em que se confrontam pontos de

vista e se clarificam as idéias, onde se consegue promover níveis de reflexão e análise que cheguem a conclusões, a organização popular se fortalece enormemente.

Em resumo, a aplicação de uma concepção metodológica dialética no processo investigador - educativo - organizativo, localiza o papel da educação popular e da pesquisa participante na própria dinâmica de um determinado setor do movimento popular com o qual se está trabalhando, em todos os aspectos de sua prática cotidiana e não somente naqueles momentos privilegiados para a formação. Portanto, a aplicação desta concepção metodológica poderá assumir muitas e variadas formas na medida que tenha que responder à realidades diferentes, às necessidades, interesses e níveis distintos, de acordo com o lugar, setor de classe e grupo de participantes com o qual se trabalha.

4. ELEMENTOS A CONSIDERAR PARA A APLICAÇÃO DA CONCEPÇÃO METODOLÓGICA DIALÉTICA.

As reflexões anteriores colocam, para nós, a necessidade de aplicar criativamente esta concepção, dependendo do contexto particular e o grupo com o qual trabalhamos. Não existe, portanto, um "modelo" ou "esquema" que pode ser generalizado para todas as experiências. Apesar disso, temos encontrado, na sistematização de nossa prática, algumas pistas que queremos compartilhar com vocês, já que se tratam de desafios que necessitamos esclarecer, no intercâmbio com outras experiências.

A) Implementar processos sistemáticos.

Muitas vezes acredita-se que a pesquisa participante ou a educação popular, por colocar ênfase nos aspectos não formais ou informais do processo educativo, deve realizar-se de maneira improvisada ou assistemática. Nós consideramos que, ao contrário, devem ser processos ordenados, progressivos, planejados, coerentes para serem eficazes. Mas é lógico que isto nunca deve entrar em contradição com o uso permanente da criatividade. Nós acreditamos que um processo que parte de demandas e necessidades concretas de um setor das classes populares, necessita ter uma coerência global que articule, dinamicamente, todos seus elementos, tanto de conteúdo, como de forma.

A planificação de todos os passos a seguir é necessária e eles precisam estar ligados entre si, para poderem conduzir, ordenadamente, um processo dialético de conhecimento. Pois, partindo da experiência, necessidades ou conhecimentos dos participantes, podemos - em uma dinâmica coletiva - apropriarmos-nos de elementos teóricos que nos permitam voltar ao ponto de partida do processo. Essa volta deve ter uma nova visão, enriquecida, que nos ilumine para empreender ações transformadoras conscientes.

Este ordenamento lógico dos passos a seguir não deve ser simplesmente uma "agenda", mas um ordenamento dialético que vá, do mais concreto, ao mais abstrato, para voltar novamente para o concreto. Que vá, do mais perto e simples, ao mais longínquo e complexo, para depois voltar para o imediato e cotidiano.

B) Dar uma unidade de conjunto a todo o processo.

Isto supõe articular os seguintes elementos:

- . O tema gerador ou central, sobre o qual versará a pesquisa, a análise, a reflexão e as conclusões (muitas vezes sugerido diretamente pela organização popular, outras sugerido por um diagnóstico preliminar ou uma pesquisa temática que o defina.
- . O grupo de participantes: seu número, características, inquietações, experiências, etc.
- . A duração e o tempo de que dispomos, dependendo do caso.

E em função dos três anteriores, teremos que definir:

- . O objetivo geral: o que nos propomos a alcançar, o nível de aprofundamento que pretendemos chegar, dependendo das demandas colocadas.

Baseado nos quatro elementos anteriores, temos visto em nossa experiência, a necessidade de contar com um elemento particular que nos permita dar unidade a todos os conteúdos, um "fio condutor" do processo de análise e reflexão:

- . O eixo temático: um dos elementos mais importantes para impedir a desordem e a descontinuidade do processo.

Partimos da consideração que qualquer tema sempre refere-se a aspectos parciais de uma realidade total. Daí que, para conduzir um processo de conceitualização, precisamos de

um "eixo" que atravesse os diferentes aspectos da realidade e nos permita obter uma visão estrutural e global, na qual possamos localizar, teoricamente, os aspectos particulares que nos interessam.

O tema gerador não é um elemento estático em si. O eixo temático é o que lhe dá dinamismo, como um fio "enrola" ou "alinha", os diferentes temas e aspectos particulares. Isto nos permitirá estabelecer, com clareza, as "pontes" entre um tema e outro, entre um passo e o seguinte. Por exemplo, um tema como "a produtividade do trabalho" pode ser analisado através do eixo "o processo produtivo em nossa fábrica", percorrendo, progressivamente, suas distintas fases; o tema "organização popular", poderia ser tratado com o eixo "o funcionamento de nossa organização", etc.

Tendo como guia o tema gerador, os participantes, a duração, o objetivo geral e o eixo temático, esboçamos, então, a sequência de temas particulares, os objetivos específicos a alcançar em cada tema, assim como as técnicas e procedimentos com os quais se vai trabalhar em cada passo.

Um instrumento que nos tem ajudado muito para a planificação, é o que denominamos: "quadro-guia", cujo conteúdo está no seguinte esquema:

TEMA GERADOR:						
PARTICIPANTES:						
DURAÇÃO:						
OBJETIVO GERAL:						
EIXO TEMÁTICO:						
LÓGICA DIALECTICA	TEMAS	OBJETIVOS	TÉCNICAS	PROCEDIMENTOS	TEMPO	MATERIAL
PRÁTICA						
TEORIZAÇÃO						
PRÁTICA						

Este quadro é, evidentemente, apenas um "guia" que sempre é revisto e reformulado, para adequá-lo às circunstâncias concretas do processo que o grupo vai vivendo. Outras vezes nos serve como um elemento a retomar no final do processo para apropriarmos-nos, conscientemente, de todos os passos que havíamos levado a cabo, sistematizar a experiência e fazer uma reflexão metodológica. Nestes casos o quadro foi reconstruído por todos os participantes com base na experiência realizada.

5. AS TÉCNICAS PARTICIPATIVAS

Em função dos diferentes campos e formas de aplicação da concepção metodológica dialética, podemos ver agora o papel e o sentido das distintas técnicas de pesquisa, análise, comunicação e organização.

As técnicas podem ser muito diversas e têm que ser consideradas somente como instrumentos, como ferramentas, cuja validade principal está no uso que lhes damos e em função

dos objetivos para os quais as utilizamos. Consideramos que sempre devem ser técnicas participativas: que incentivem a reflexão e comunicação de todos os participantes. Para escolher a mais adequada teremos que levar em conta o tema específico que vai ser trabalhado, o nível de aprofundamento a que se quer chegar, o tipo de participantes (2).

Em nossa experiência utilizamos as técnicas com atuação (mímica, teatro, jogo de roda) para diagnosticar ou re-levar problemas e situações importantes. Por outra parte, a realização de entrevistas informais (individuais e coletivas) e a compilação de testemunhos têm sido muito úteis para obter informações de primeira mão. O uso de dinâmicas vivenciais é igualmente de grande utilidade, pois permite-nos usá-las como motivação e ponto de entrada simbólico para a análise da realidade. Utilizamos, igualmente, para motivar a análise, tanto filmes, como audiovisuais e vídeo-cassetes.

A leitura e análise coletiva de textos e documentos (normalmente trabalhamos em pequenos grupos que sintetizam sua discussão num cartaz, flanelógrafo ou outro meio, para incentivar o debate no plenário) é outro dos meios utilizados.

Os cartazes, desenhos coletivos e marionetes é um dos meios mais ricos para que a criatividade de um grupo se manifeste, ao analisar determinado tema e, sempre tem servido de motivação para realizar um processo de decodificação e reflexão posterior. Igualmente, o uso e análise de refrões, canções, lendas, poesias e contos tem sido sempre extremamente rico e proveitoso, sobretudo por ser elementos que permitem uma identificação muito grande dos participantes com a temática.

Em alguns casos, também utilizamos técnicas expo-

sitivas para proporcionar informação adicional. Mas é sempre bom ter um trabalho de grupo antes, que oriente o expositor sobre as dúvidas concretas com respeito ao tema, que sempre estimulam a discussão e o debate, nunca podendo ocorrer exposições acadêmicas.

Em nossa experiência percebemos que, não somente é importante escolher a técnica mais adequada (para o tema, os participantes e o objetivo proposto), mas é fundamental o procedimento de utilização da técnica. (Um sociodrama preparado inadequadamente, um filme projetado sem uma prévia motivação e sem uma discussão ordenada, depois uma dinâmica cujo debate não leve à conclusões claras, todos levam à um fracasso). Não se trata, portanto, de usar técnicas novas "entretar e dinamizar" uma atividade educativa. Trata-se de incentivar uma participação ordenada do grupo, que nos permita ir, de um processo, coletivo de reflexão, à conclusões claras sobre o tema que está sendo tratado. Trata-se, definitivamente, de gerar um processo de apropriação dos conhecimentos, através de um esforço ativo de interpretação, análise e síntese. A concepção dialética também se expressa no procedimento de aplicação de cada técnica particular.

6. A EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO METODOLÓGICA DE EDUCADORES POPULARES

Nos últimos anos, em nosso programa, temos dado particular importância à formação de educadores de base, através de treinamentos de capacitação metodológica. Estes treinamentos pretendem desenvolver processos sistemáticos de formação, nos quais os educadores populares possam apropriar-se da concepção

metodológica dialética, assim, como do manejo de uma diversidade de técnicas de pesquisa, análise, comunicação e organização.

O objetivo principal destes processos é o de garantir que os educadores populares adquiram uma capacidade própria para fazer programas educativos, inventar novas técnicas, sendo criativos na aplicação da citada concepção metodológica. Além disso, espera-se que: adquiram a capacidade de conduzir o grupo a conclusões claras, sejam capazes de sistematizar sua própria experiência e, assim, contribuir de maneira concreta para a elaboração teórica sobre a educação popular.

Ao lado desta experiência, nós mesmos estamos aprendendo com eles, o significado, o sentido e as formas de implementar as distintas atividades de educação popular, num processo de mútuo enriquecimento, abrindo-nos constantemente, novas pistas de trabalho.

Os treinamentos têm sido, basicamente de dois tipos:

A) Treinamentos de metodologia sobre um tema geral.

Estes treinamentos contam normalmente com participantes de diferentes organizações e grupos e têm temas como a realidade nacional ou a organização popular. Neles, o tratamento dado ao tema e ao processo de análise dos conteúdos, serve fundamentalmente, como uma experiência "ao vivo", da aplicação de um esboço metodológico dialético. A partir dela, leva-se à apropriação da concepção metodológica e sua aplicação criativa.

Nestes treinamentos, uma vez trabalhado o tema nos primeiros dias, é feita uma síntese metodológica do processo experimentado, onde reconstrói-se: a ordem da sequência dos te

mas; a ligação entre os objetivos específicos de cada tema; sua relação com o tema gerador; o objetivo geral e o eixo temático; análise destes conceitos e o processo dialético; análise da aplicação das técnicas, suas características, etc. Assim, assumindo criticamente a concepção metodológica vivida, os companheiros passam a elaborar esboços metodológicos, nos quais a concepção é aplicada a alguns temas importantes, junto a suas bases. No treinamento mesmo, discutem, analisam e colocam-na em prática de maneira simulada para depois voltar a suas bases com ferramentas e propostas concretas de trabalho.

B) Treinamentos matrizes sobre um tema concreto.

Nos treinamentos sobre temas específicos procura-se que os participantes se apropriem não só da concepção metodológica, mas também do tema em si, para que logo o reproduzam e tornem-se coordenadores de treinamentos em suas bases. Normalmente trabalhamos com membros de uma mesma organização. Nestes treinamentos, o conteúdo do tema gerador é trabalhado com mais detalhe e profundidade. É realizada uma síntese metodológica e, a base do esboço gira em torno da maneira pela qual eles reproduziriam esses mesmos conteúdos, aplicando a concepção metodológica às condições particulares de seu bairro, região ou Estado. Por servir de base para as reproduções é que são chamados de treinamentos matrizes.

Nestes treinamentos de capacitação metodológica, tentamos gerar, nos educadores populares, um processo de apropriação múltipla:

- apropriação dos conteúdos;
- apropriação da concepção metodológica dialética;

- apropriação das técnicas participativas: análise de sua lógica interna, seu manuseio, suas variações;
- apropriação de diversas formas de aplicação desta concepção.

Contudo, entendemos que a apropriação metodológica é um processo também teórico - prático e que não é suficiente experimentá-lo só a nível dos treinamentos. Mais importante que um bom treinamento de metodologia é a aplicação prática que os companheiros realizam nas suas bases. Por isso, temos nos colocado seriamente a realização de distintas formas de prosseguimento e sistematização destas experiências. Do mesmo modo, a continuidade deste processo formativo através de treinamentos de "segundo nível", depois de um tempo de aplicação na base, uma sequência de "treinamento matrizes", encontros de sistematização etc.

Ao implementarmos esta experiência, temos visto desenvolver-se, realmente, um efeito multiplicador muito importante. Conseguimos apoiar muitos companheiros que, atualmente, possuem uma capacidade própria de pesquisa, esboço, implementação e avaliação de processos educativos em suas bases. Com eles, o intercâmbio de experiências significa, para nós, uma fonte de enriquecimento muito grande.

7. A APLICAÇÃO DA CONCEPÇÃO METODOLÓGICA DIALÉTICA NO TRABALHO DE BASE.

O objetivo principal na aplicação da concepção metodológica dialética no trabalho de base é consolidar as organizações populares com as quais se trabalha. A participação

da base na organização está intimamente ligado ao que expomos acima, tanto na tomada de decisões como na execução das atividades e tarefas. O fato de que existam organizações com participação ativa de seus integrantes será o que permitirá desenvolver um trabalho que tenha continuidade e, portanto, terá condições para implementar um processo de formação, diretamente relacionado com as tarefas e atividades dessa organização: associação de moradores, sindicato, cooperativa, grupos de mulheres, associações culturais, etc...

O processo de formação de uma organização de base não se dá, prioritariamente, através de eventos educativos como o treinamento, mas na dinâmica marcada pelas atividades concretas que a organização planifica, decide, executa, avalia e analisa. Resumindo, uma dinâmica de reflexão e teorização ativa e permanente, ao redor do ritmo de atividades que se impulsionam.

No trabalho de base, o elemento fundamental é a referência permanente ao cotidiano, tanto para partir dele, como para incidir sobre ele com ações concretas. A apropriação de conhecimentos tendo como referência o cotidiano, será sempre em função de sua utilidade e aplicação imediata às ações que tenham perspectiva transformadora. No trabalho de base é preciso diferenciar níveis de formação porque normalmente existem dois setores com os quais se trabalha:

- a) um grupo de referência, mais reduzido, que é o promotor ou impulsionador do processo organizativo;
- b) uma ampla base, que integra formalmente a organização ou habita nessa comunidade ou bairro, mas não participa normalmente em sua dinâmica organizativa.

Se tratará, então, de fortalecer a instância ou grupo de referência, com um tipo de formação que corresponda à sua prática e, por sua vez, projetar seu trabalho até a ampla base: motivando, realizando um processo multiplicador com diversos setores ou grupos, integrando os que não participam, etc. Neste sentido, os métodos e técnicas de trabalho com a ampla base devem levar em conta o "ritmo" da comunidade ou setor, sendo cuidadosos de não violentá-lo, mas ir suscitando cada vez maiores níveis de participação consciente. Por isso, consideramos que devemos aproveitar ao máximo as formas e meios de comunicação que se utilizam normalmente nessa realidade: eventos, festas, relatos, assembléias, shows, etc., quer dizer, as atividades que reúnem e despertam interesse nas pessoas.

8. A EXPERIÊNCIA NA COMUNIDADE DE CANTIMPLORA: PISTAS PARA A APLICAÇÃO DA CONCEPÇÃO METODOLÓGICA DIALÉTICA NA RECUPERAÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL.

Em outubro de 1983, nosso programa, junto com o grupo cultural campones "Frente Sur", integrante do "Movimento Cultural MECATE", da Nicarágua, iniciamos uma experiência de recuperação histórico-cultural na comunidade de Cantimplora, estado de Rivas (3).

A experiência surgiu a partir de uma peça de teatro criada, coletivamente, pelo grupo, sobre a história de sua comunidade, com o título de "História de una decisión". A partir dos temas colocados na obra, foi feito um treinamento de recuperação histórica que durou 15 dias, com o qual se buscava que toda

a comunidade participasse ativamente, motivada ou impulsionada pelos participantes do grupo cultural. Baseado num esboço preliminar em que se aplicava o método dialético, foram trabalhadas as seguintes fases:

1. Uma noite cultural com toda a comunidade, onde foi apresentado e discutido o trabalho a ser realizado;
2. Diagnóstico da situação atual da comunidade, com o grupo do treinamento: situação econômica, organizativa e ideologia, problemas e ganhos atuais;
3. Baseado nos elementos levantados, foram feitas entrevistas e conversações com os integrantes de cooperativa, do grupo de mulheres que produziam hortaliças, dos coletivos de educação popular e outros membros;
4. Foi feito, no treinamento uma síntese das entrevistas e, com ela, preparou-se uma noite cultural com toda a comunidade, para apresentar e discutir o que havia sido recolhido;
5. Foi feito um almoço com comidas típicas, jogo de beisebol, "piñatas"(4) para as crianças, "piñatas" com perguntas para os adultos, teatro de marionetes, peça de teatro, duplas de repentistas. Foi a 1ª. devolução, à comunidade, do pesquisado;
6. Foi feito, no treinamento, uma seleção de temas para aprofundar na história passada da comunidade;
7. Entrevistou-se pessoalmente, os mais antigos da comunidade, assim como os que participaram na luta insurrecional contra Somoza. Também foram feitas duas reuniões para recolher testemunhos coletivos sobre o passado e sobre a participação da comunidade na luta revolucionária;
8. No treinamento, sintetizaram-se estes elementos e prepararam

-se desenhos sobre os diferentes períodos históricos e outros meios para devolver a informação;

9. Realizou-se uma noite final, com a participação de toda a comunidade, onde foram analisados, coletivamente, os desenhos, fez-se uma apresentação de objetos conservados pelos habitantes e apresentou-se um resumo da história da comunidade, desde 1910 até o triunfo, através de um conto dramatizado.

Durante este período, pudemos reconhecer as principais dificuldades que a comunidade passava, os ganhos que haviam conseguido desde o triunfo da revolução, a situação na época do somozismo, a chegada dos primeiros militantes da FSLN que foram viver na comunidade, a origem do nome da comunidade, etc.

Este processo permitiu reconhecer e valorizar todo o conhecimento sobre a realidade e a história desta comunidade, que seus habitantes tinham, de modo disperso. Permitiu, também, tomar consciência do processo histórico vivido por eles, das condições de exploração que haviam vivido, de sua riqueza de lendas e tradições, dos desafios que teriam que enfrentar agora para fortalecer-se organizativamente.

A partir desta experiência, surge a necessidade de comunicar a história recuperada a outras comunidades camponesas e se pensa na elaboração de uma história em quadrinhos. Desta maneira, forma-se um treinamento de desenho, onde os membros do grupo cultural e outros membros da comunidade, retomando os temas do treinamento anterior, foram desenhando as diferentes cenas e colocando textos em cada quadrinho. Com todo este material, surge a vontade de fazer outro "treinamento" para aprofundar alguns aspectos da história passada e presente: o trabalho do grupo cultural "Frente Sur", a participação da mulher, a organização da cooperativa, a história política da comunidade (rela-

ção entre as eleições antes e a que haverá agora). Este treinamento de aprofundamento, realizado em agosto de 1984 (4), permitiu enfocar melhor alguns temas, colocar-se tarefas e compromissos concretos para o fortalecimento da comunidade e para maior clareza política sobre o processo eleitoral. Neste treinamento, continuaram aplicando-se técnicas participativas que englobaram os diferentes membros da comunidade e continuaram compilando opiniões e testemunhos. Baseado neste material, a história em quadrinhos está sendo terminada e consistirá na apresentação da história, recuperada pela própria comunidade, com a linguagem e desenhos elaborados por eles mesmos. A experiência continuará agora até um permanente trabalho de educação popular, impulsionado pelo grupo cultural, baseada numa constante reflexão sobre a prática, em função de tarefas e compromissos concretos, que englobe sempre a participação ativa, crítica e consciente de toda a comunidade.

NOTAS

- (1). ALFORJA - Coordenação de trabalho que articula: Instituto Mexicano de Desarrollo Comunitario de Guadalajara, Centro de Comunicación Popular de Honduras, Centro de Educación Promocional Agraria de Nicaragua, Centro de Estudios y Publicaciones de Costa Rica, Centro de Capacitación Social y el Centro de Estudios y Acción Social de Panamá.
- (2). Uma reflexão mais detalhada sobre o tema pode ser encontrada na introdução de Laura Vargas do livro "Técnicas Participativas para la Educación Popular", Vargas Laura, Bustillos Graciela, Marfán Miguel, Ed. Alforja, San José, 1984.
- (3). Um resumo desta experiência, com ênfase na metodologia utilizada, foi publicado no caderno intitulado: "Cantimplora, una semilla plantada en buena tierra...". Consiste na memória do treinamento na qual se ilustram seus resultados com testemunhos e fotografias. Também foi produzido um áudio-visual intitulado: "Un día de tantos en la comunidad de Cantimplora".
- (4). A sistematização do conteúdo deste treinamento consta também de uma memória elaborada para os participantes.